



Caridade - Missão

VICENTE  
DE PAULO  
1660  
2010  
LUIZA DE  
MARILLAC  
350º aniversário

Jean-Pierre Renouard, C.M., da província da Toulouse

Tradução : P. Lauro Palú, CM - Província do Rio de Janeiro

## Quem é Jesus para São Vicente?

**V**er o Cristo Missionário e Servidor é penetrar no núcleo central da mística vicentina e estar certo de viver hoje de seu espírito. Mas não é menos verdade que o encontro com a pessoa de Jesus gera sempre uma experiência interior que o próprio São Vicente fez com força, convicção e uma grande penetração. Ele nos propõe o melhor caminho para sermos, também nós, testemunhas de Cristo hoje

1. Com **o Cristo**, estamos no meio privilegiado de São Vicente: a Escola francesa de Espiritualidade; centrada sobre o Cristo. São Vicente olhava as coisas “*com os olhos fixos em Jesus Cristo*”, como os ouvintes da sinagoga de Nazaré. Sua preocupação é o Salvador e usa imagens fortes, próprias para alimentar nossa meditação: Jesus é “*nossa força*”, “*nossa vida*”, “*nosso alimento*” (SV VIII, 15); é o lugar vivo de todas as virtudes: “*humildade, mansidão, tolerância, paciência, vigilância, prudência e caridade*” (VIII, 231); ele é “*a regra da Missão*” (XII, 130); “*a suavidade eterna dos homens e dos anjos*” (IV, 81); “*nosso pai, nossa mãe e nosso tudo*” (V, 534); “*a vida de nossa vida e a única pretensão de nossos corações*” (VI, 563); “*o grande quadro invisível com o qual devemos conformar todas as nossas ações*” (XI, 212). E concluímos com estas palavras anotadas por seu primeiro biógrafo: “*Nada me agrada senão em Jesus Cristo*” (Abelly, I, 78). Sem dúvida, a imitação de Jesus Cristo é aquilo a que se apegamos em todos instantes, “*seu livro e seu espelho*”, segundo a bonita expressão do bispo de Rodez (Abelly, III, 87).

São Vicente escreve a um Coirmão que estava com inveja dos sucessos pastorais de um outro: “*Um sacerdote deve morrer de vergonha por pretender alcançar reputação no serviço que presta a Deus e por morrer em sua cama, ele que vê Jesus Cristo recompensado por seus trabalhos pelo opróbrio e pela cruz. Lembre-se, meu padre, que vivemos em Jesus Cristo pela morte de Jesus Cristo e que devemos morrer em Jesus Cristo pela vida de Jesus Cristo e que nossa vida deve estar escondida em Jesus Cristo e cheia de Jesus Cristo e que, para morrer como Jesus Cristo, é preciso viver como Jesus Cristo*” (I, 295). Cristo está no centro da espiritualidade vicentina e também de sua estratégia missionária. Somos apenas seus continuadores e ele é o agente principal e o Missionário do pai. Ele é o seu Enviado. Oito vezes, nos poucos textos que nos restam dele, São Vicente utiliza esta passagem tirada do evangelho de São Lucas (4, 8): “*enviou-me para evangelizar os Pobres*”. É tocado por este Jesus Salvador. Sente-se investido da mesma missão. Também quer ser um libertador: “*Nesta vocação somos muito conformes a Nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo parece, tinha sua principal obrigação, vindo ao mundo, assistir os Pobres e cuidar deles. ‘Enviou-me para evangelizar os Pobres’. E se perguntarmos a Nosso Senhor: ‘Que viestes fazer na terra?’ - ‘Assistir os Pobres’ - ‘E que mais?’ - ‘Assistir os Pobres’, etc.*” (XI, 108). Somos, pois, decididamente missionários no seguimento do úni-

co e perfeito Missionário. O Evangelho é a palavra essencial a anunciar aos Pobres: “*Esta é a nossa principal tarefa*”. Então, não pode ser mal feita.

O pensamento se precisa e se afina primeiro na contemplação dos mistérios evangélicos.

### **Atualidade**

O Evangelho é de sempre. A pessoa de Jesus é intemporal. Somos colocados diante dele como um desafio perpétuo. Nosso primeiro dever é de **imitação**. Entrar em seus sentimentos, assumir seus pensamentos e suas orientações, contemplar suas ações e pôr nossos passos sobre seus passos é a urgência das urgências. Uma imitação não pode ser fundamentalmente um decalque mágico, mas uma transposição de suas maneiras de pensar e de agir, correspondentes à nossa época. É repetir a necessária contribuição da **oração cotidiana** que nos faz compreender os reflexos de Jesus e adaptá-los à nossa época. É provavelmente o maior desafio de nosso tempo para a Congregação hoje. Por causa do “*aggiornamento*”, muitas vezes eliminamos ou reduzimos este encontro cotidiano que era o único meio de calcar nossas vidas sobre a de Cristo. Os 350 anos da morte de São Vicente e Santa Luísa podem dar-nos a oportunidade da oração de uma hora prescrita por nossas Constituições, no art. 47, § 1,º que diz: “*Assim, nos tornaremos idôneos para perceber o espírito de Cristo, como também para achar os caminhos aptos para realizarmos sua missão*”. É claro que o tempo de oração pessoal é uma hora, da qual uma meia hora pode ser em comum e a outra, individual. Para além destas prescrições que se referem essencialmente ao projeto comunitário, é preciso reencontrar o espírito que anima: viver de Cristo como São Vicente viveu. Não há outro caminho de santificação e de ação missionária.

2. Conhecer Cristo nos remete à **transmissão da mensagem de Cristo**. Uma vez realizado este trabalho de penetração, tudo se torna uma questão de apresentação. Sobretudo nada de grandes palavras. São Vicente as evita, com as belas frases e os voos oratórios tão estimados em seu tempo! Propõe “*o pequeno método*” porque “*é o método de que o Filho de Deus se serviu para anunciar aos homens seu Evangelho*” (XI, 265). Para além de um mecanismo que hoje nos pare-

ce simplório (*natureza, motivos e meios*), São Vicente insiste em que nosso discurso seja simples, concreto, familiar, ordinário. Que quem anuncia cuide para não “*fantasiar e falsificar a Palavra de Deus*” (XI, 284). O importante para São Vicente é proclamar Cristo e anunciá-lo com palavras adaptadas ao tempo, que sejam simples e compreensíveis às pessoas de sua época. Quando seu século respirava complicação e uma linguagem afetada, ele revolucionou a cátedra e preconizou a simplicidade. E insistia sobre o exemplo dos exemplos: “*Nosso Senhor, quando foi assentar-se naquela pedra que estava perto do poço... começou, para poder instruir a mulher, por pedir-lhe a água. ‘Mulher, dá-me de beber’, diz ele. Assim, vocês perguntarão a um e depois ao outro: ‘Então, como estão seus cavalos? Como vai isto? Como vai aquilo? Como vocês vão indo?’*” (XI, 383). Também o ouvimos dizer: “*Oh! como serão felizes os que puderem dizer, na hora da morte, estas belas palavras de Nosso Senhor: o Senhor me enviou para evangelizar os Pobres! Vejam, meus irmãos como a principal tarefa de Nosso Senhor era trabalhar com os pobres...*” (XI, 133-135).

### **Atualidade**

Quem não percebe a atualidade de tal recomendação? Porque a missão se dirige aos pobres, aos pequenos, aos simples e aos que têm sede de Deus, e não aos metidos a literatos. A vida é o principal interesse do verdadeiro missionário. Parte do cotidiano, dos acontecimentos, da situação de cada um, de suas necessidades, de suas preocupações, de seus desejos concretos. Insensivelmente, como Jesus fez com a Samaritana, passa-se do concreto ao secreto, do que se vê ao que se deseja, do parecer ao ser. Ele cuida de sua linguagem. Hoje, para falar com a chance de ser entendido, o missionário tem todo interesse em rever sua **linguagem**. Que dizemos? Como o dizemos? Não podemos fazer da apresentação da fé e da catequese um impasse. Não podemos mais pregar a fé em termos de obrigação: “*É preciso... Deve-se... Há quem...*”, mas em termos de proposições. Lembro-me de um estudo muito interessante sobre a linguagem de Taizé, em particular a do irmão Roger, que sugere, incita e motiva. Como conciliar clareza e sugestão, pedagogia e estímulo? A questão da linguagem é um verdadeiro problema hoje e é urgente avaliá-la, verificá-la, renová-la, sem perder a substância

da mensagem. Paulo VI já chamava nossa atenção para a necessidade de transpor sem trair, de inculturar-se sem desnaturar, de tornar viva a palavra sem esvaziá-la (Evangelii Nuntiandi 63).

Evangelizar hoje pode, portanto, ser percebido como uma nova proclamação, um novo anúncio. É, pois, o contexto social que veicula esta idéia de novidade... Nisso, há realidades que nos forçam: o rendimento, o imediatismo, a eficácia a todo custo, a aparência, as ideologias dominantes, as transformações éticas (a clonagem, a ecologia, a indefinição de identidade) e, ao mesmo tempo, o medo do vazio, a ânsia pelo espiritual, a busca de sentido, a sede de outra coisa... De modo positivo, com efeito, embora ambivalente, nota-se uma busca do absoluto, um desejo de convivialidade, uma sensibilização para o emocional coletivo e social, tudo o que constitui o humano. Tudo isto espera uma possibilidade de anúncio de Jesus Cristo. *“Precisamos aprender a conjugar a solidariedade e a originalidade da palavra cristã, a emoção e uma inteligência da fé”* (Christophe Rocrou, da Missão de França).

**3.** O Cristo missionário de São Vicente é indissociável do **Cristo Servidor**. Para além de uma contemplação do mistério de Cristo, de uma transmissão de sua mensagem, sabemos perfeitamente que São Vicente vê Cristo no Pobre e vê o Pobre em Cristo. Vivemos a lembrança incessante e vertiginosa do Evangelho de São Mateus (25, 40). Todos os vicentinos são chamados a segui-lo no caminho do serviço. O dom em estado puro, radical, opera no cotidiano, por um mesmo movimento do coração: servir o Pobre é servir a Deus! Para isso, é só olhar o próprio Jesus Cristo. É o Verbo de Deus encarnado, homem entre os homens, que passa tempos em oração, vivendo em estado de comunicação permanente com seu Pai: *“Meu pai e eu somos um”* (Jo 10, 30). Mas é também aquele que serve os homens no dia-a-dia, com um devotamento sem limites: *“Jesus percorria todas as cidades e povoados ensinando em suas sinagogas, pregando a boa notícia do Reino e curando todo tipo de doença e enfermidade”* (Mt 9, 35). Jesus Cristo estava com roupa de serviço, como pede dos seus em São Lucas (12, 35): *“estejam com os rins cingidos”* e nos chama *“servidores”*, palavra que aparece 76 vezes nos quatro Evangelhos. Mas o exemplo dos exemplos é o lava-pés: *“Eu estou no*

*meio de vocês como quem está servindo”* (Lc 22, 27). Dá o testemunho de quem se abaixa o mais possível diante dos outros e se despoja de toda superioridade, de toda pretensão divina, para pôr-se vestido como empregado e lavando os pés dos seus apóstolos, gesto reservado normalmente ao escravo: *“O que me tocou mais, de tudo o que foi dito... foi o que se falou de Nosso Senhor, que era dono natural de todo o mundo e entretanto se fez o último de todos, opróbrio e abjeção dos homens, tomando sempre o último lugar onde quer que estivesse. Vocês talvez acham, meus irmãos, que um homem é muito humilde porque se abaixou demais quando tomou o último lugar. Pois bem, um homem se humilha tomando o lugar de Nosso Senhor? Sim, meus irmãos, o lugar de Nosso Senhor é o último. Não pode ter o espírito de Nosso Senhor quem deseja mandar; este divino Salvador não veio ao mundo para ser servido, mas antes para servir os outros, o que praticou magnificamente, não só durante o tempo que ficou junto de seus pais e com as pessoas que ele servia para ganhar sua vida, mas mesmo, como muitos Santos Padres julgaram, durante o tempo em que os apóstolos permaneciam com ele, servindo-os com suas mãos, lavando os pés deles, fazendo-os descansar de suas fadigas”* (XI, 137-138). O lava-pés ocorreu, não o esqueçamos nunca, na véspera do calvário, o lugar do dom supremo! São Vicente percebeu muito bem a plenitude do dom de Cristo no *“mandamento do amor e da caridade”* (XII, 13). Cristo nos põe de joelhos. De joelhos, ele é plenamente Deus...: *“Peçamos a Deus... que nos preserve desta cegueira; peçamos-lhe a graça de tender sempre para baixo”* (XI, 394). O Altíssimo torna-se ele mesmo quando se faz o baixíssimo. As Filhas da Caridade, que vão chamar-se e assinar *“indigna serva dos Pobres”*, nascerão do abaixamento e isso não deixa de ser educativo, na lógica vicentina. *“Para serem verdadeiras Filhas da Caridade, é preciso fazer o que o Filho de Deus fez sobre a terra. E o que foi que ele fez de principal? Depois de ter submetido a sua vontade, obedecendo à Santíssima Virgem e a São José, trabalhou continuamente pelo próximo, visitando e curando os doentes, instruindo os ignorantes para sua salvação. Como vocês são felizes, minhas Filhas, por serem chamadas a uma condição tão agradável a Deus! Mas vocês também devem tomar cuidado para não abusar disso e trabalhar em aperfeiçoar-se nesta santa condição. Vocês têm a felicidade de serem as primeiras chamadas a este*

*santo exercício, vocês, pobres aldeãs e filhas de trabalhadores*” (IX, 15). Os Coirmãos se tornarão eles mesmos servidores em situações inesperadas, alguns serão administradores ou enfermeiros e mesmo coveiros! Tornar-se servidores no seguimento de Cristo também é um estado de vida. “Estar a serviço de...” implica um engajamento total e de todos os instantes. Não ficamos jamais “fora de serviço”, mas de prontidão. São Vicente escolhe para os Seus esta condição, por instinto. *O serviço põe em “estado de caridade”*. Em todos os tempos e todos os lugares.

### **Atualidade**

É claro que São Vicente vê os Seus como peritos em ***serviço corporal e material***; coloca-os no caminho de um Cristo caridoso, aberto a todas as enfermidades, à solidariedade, ao companheirismo. Em seu seguimento, envia-os pelos caminhos sempre desafiadores do bom Samaritano junto dos *“rejeitados às margens da sociedade, das vítimas de calamidades e de qualquer outro tipo de injustiça”*, como os descreve o art. 18 de nossas Constituições, *“bem como dos atingidos pelas formas de pobreza moral próprias da atualidade”*. Aí existe um vasto campo missionário aberto pelas Constituições de 1984, fiéis às intuições de São Vicente, fiéis à visão que temos de Cristo. O servidor do Evangelho que é Jesus nos provoca, quando cura os doentes, escuta os que o imploram, ressuscita os mortos, faz os gestos anunciados por São Lucas (4, 18-22). As aplicações desse Jesus servidor são muitas hoje em dia e nos introduzem nos grandes domínios da ética, da justiça, da paz e da vida social em geral (Estatutos da Congregação da Missão, art. 9). Mas, para além das contingências próprias de cada Província, a Congregação seria muito sábia se centrasse sua ação social e qualitativa num ponto preciso, como fizeram recentemente os Jesuítas no seu último Capítulo Geral? Eles adotaram o mundo dos jovens. Talvez também devamos fazer uma escolha unificante e dinamizadora. Podemos pensar no mundo da droga, no mundo dos migrantes. O capítulo das atividades apostólicas indica uma dispersão muito grande. A dispersão dos compromissos sempre corre o risco de prejudicar nossa ação... A Congregação não ganharia com uma concentração desse tipo?